

Capítulo 26 - DOI:10.55232/1083002.26

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO, DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

Maria Eduarda Martins Barboza

RESUMO: Este trabalho trata da importância da educação no combate à desinformação, discriminação e xenofobia. Tal problemática consiste em analisar o papel da educação no combate à desinformação que acaba perpetuando atitudes discriminatórias e xenófobas. Essa questão se faz necessária uma vez que deve ser objetivo da escola expandir a visão de mundo do aluno, praticar a tolerância e desenvolver a empatia, por isso a abordagem de temas contemporâneos e sensíveis é essencial e contribui para a formação de uma sociedade cada vez mais humanitária. O propósito central deste artigo é pesquisar o papel da educação para a formação e informação dos alunos de Ensino Médio a respeito de questões como discriminação e xenofobia, já que é missão do professor também além de ensinar fórmulas matemáticas, tipos de bactérias e as ações que levaram aos grandes conflitos vividos na História, estimular a empatia, o senso crítico e visão de mundo em seus alunos. Para isso, foram utilizados outros artigos científicos além de revistas acadêmicas e artigos de jornais para a elaboração desta pesquisa.

Palavras-chave: Escola, Discriminação, Tolerância

INTRODUÇÃO

É comum que os conteúdos escolares sejam passados para os alunos em um tipo de ordem cronológica ou nível de entendimento de determinada idade, no entanto nesse processo é perigoso que o aluno acabe por compreender assuntos de maneira isolada e distante. Sem o incentivo à análise e reflexão, os jovens se rendem a discursos fatalistas e sem empatia. Mais necessários do que nunca em tempos de crise, qual a importância da educação no combate à desinformação que acaba perpetuando atitudes discriminatórias e xenófobas?

O presente artigo possui como objetivo geral pesquisar o papel da educação para a formação e informação dos alunos de Ensino Médio a respeito de questões como discriminação e xenofobia, e por objetivos específicos analisar a importância de se discutir em sala de aula assuntos pertinentes à formação do aluno como profissional e cidadão e determinar a relevância da abordagem de assuntos como discriminação e xenofobia na formação de jovens cidadãos.

A educação por si só já é a esperança para uma sociedade melhor e mais justa. A educação somada com outras áreas possui um imenso poder de transformação e a “união das áreas Comunicação e Educação tem a capacidade de formar pessoas plenas para o exercício da cidadania, conscientes do espaço, tempo e contexto em que vivem.” (NASCIMENTO e DELAGO, 2020, p.7), a missão do professor é esta: formar mais do que um futuro profissional, um cidadão.

Com a crescente cobertura jornalística da crise global dos refugiados e a ascensão de governos de extrema-direita ao redor do mundo vemos diversos discursos, além de políticas, de cunho xenófobo como é o caso do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia, aprovado em Janeiro de 2020, cuja a campanha foi um tanto focada na premissa de que a quantidade de imigrantes que habitava no Reino Unido, muitos vindo de outros países da União Europeia, principalmente do leste europeu, prejudicava a economia do país. Pode-se pensar que algo como xenofobia não aconteça no Brasil uma vez que o brasileiro possui uma fama internacional de ser caloroso e receptivo com estrangeiros. Mas estrangeiros vindos de onde? Com a crise política e econômica na Venezuela, muitos venezuelanos vieram para o Brasil e foram recebidos com hostilidade. A quase completa falta de suporte do Estado acaba levando muitas famílias a cometer pequenos roubos para se alimentar, o que acaba servindo como justificativa para a propagação de falas xenófobas e racistas, vindas até do próprio Estado como afirmam MILESI, COURY e ROVERY (2018, p.59):

O fechamento das fronteiras e a limitação da entrada de venezuelanos são medidas defendidas pelo Governo do estado de Roraima como solução para os problemas enfrentados na região. No entanto, essas demandas carecem de legalidade e operacionalidade logística, além de violarem compromissos de caráter humanitário.

Esse tipo de assunto acaba por ficar em segundo plano e muitas vezes nem se quer é abordado em sala de aula. O professor muito mais do que ensinar a matéria, é agente essencial na formação daquele jovem cidadão e é necessário que a escola seja um ambiente tolerante que promove o respeito e a diversidade, no entanto, infelizmente, o que nos afirma Coelho (2013) é que, na escola a intolerância e preconceitos são praticados de diversas formas:

...racismo, o preconceito e as diversas formas de discriminação não são vistas como manifestações não cidadãs, o que não quer dizer que aprovem, sustentem ou ratifiquem o racismo. Longe disso. Quer dizer, isso sim, que não identificam esses vícios e desvios morais como um problema sobre o qual possam intervir por meio de ações pedagógicas concretas. (COELHO, 2013, p.332).

O presente artigo busca mostrar a dimensão do papel da educação na formação de cidadãos comprometidos com a informação e a erradicação de toda forma de discriminação e xenofobia na sociedade.

METODOLOGIA

O presente artigo científico corresponde a uma pesquisa bibliográfica-qualitativa que se utiliza de outros artigos científicos além de revistas acadêmicas, livros e matérias de jornais para a sua elaboração. Gil (1987) defende que

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

A construção de uma pesquisa bibliográfica se dá no estudo e reunião de fatores e argumentos que embasam a pesquisa. Enquanto o aspecto qualitativo dela se dá na análise de fenômenos sociais, os quais são de grande importância para a área de licenciatura. Deste modo,

a presente pesquisa se utilizou de obras datadas desde 1973, período em que as bases da educação brasileira começaram a mudar, no entanto com enfoque nos últimos vinte anos. Estudando publicações de várias nacionalidades, a maior parte são brasileiras para efetividade para a atual situação do país.

DESINFORMAÇÃO: A EDUCAÇÃO COMO RESPOSTA

Os perigos da desinformação

A invenção da imprensa pelo alemão Gutenberg no século XV representou uma importante revolução na forma de comunicação da época. Desde então, a tecnologia da informação avançou muito e o acesso à ela vem se ampliando cada vez mais. Na década de 1990, o historiador francês Roger Chartier fala do que seria uma nova fase no processo de transmissão de informação:

A revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutenberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores. O livro impresso tem sido, até hoje, o herdeiro do manuscrito: quanto à organização em cadernos, à hierarquia dos formatos, do libro da banco ao libellus; quanto, também, aos subsídios à leitura: concordâncias, índices, sumários etc. Com o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados. Uma revolução desse porte necessita, portanto, outros termos de comparação. (Chartier, 1994, p.187)

Chartier (1994) fala da enorme revolução na comunicação que foi a chegada dos computadores, isso na década de 1990. Hoje, em 2021, vivemos uma revolução constante no compartilhamento de informação, a todo momento somos bombardeados com todo tipo de informação por meio, principalmente, das redes sociais tão acessíveis em nossos celulares.

É interessante citar que, em diversos momentos da História podemos observar como a informação foi manipulada e alterada para servir os propósitos de líderes totalitários, seja transmitindo mensagens deturpadas ou mesmo não permitindo que a informação chegue à população.

A famosa máquina de propaganda nazista de Hitler apresentava o ditador como um homem caseiro, incapaz dos horrores atribuídos ao seu nome. No Brasil, “o governo militar

recorreu ao uso de princípios otimistas e técnicas de comunicação que foram utilizados para criar o sentimento de otimismo, pertencimento e nacionalismo na época do período colonial.” (DENISE, 2017. p.5) e foi-se amplamente utilizado destes meios de comunicação para disseminar uma visão de que o país prosperava social e economicamente, escondendo as prisões arbitrárias, sequestros e torturas que foram cometidos pelo regime, ou quando mencionados, o faziam com tom humorístico com o objetivo de minimizar a questão, como mostra a imagem abaixo, uma propaganda para vender televisores que faz referências aos presos políticos que eram torturados:

Propaganda publicitária para vender televisores no período ditatorial.



Veja, 19/11/1969

Revista VEJA

Observamos como a informação é uma arma poderosa que pode ser usada tanto como instrumento da ética e justiça como da farsa e manipulação, assim como exemplifica Lara Denise (2017), quando se trata do período ditatorial brasileiro: “As peças publicitárias e anúncios escolhidos seguem um padrão favorável ao regime, ao conservadorismo político e social e também ao conformismo político.” O conformismo social e político talvez seja uma das piores heranças que temos da ditadura brasileira e podemos ver isso refletido dentro do ambiente escolar, que deveriam ser um espaço seguro para se questionar e refletir. No entanto, o que se vê em muitas escolas é que temas sociais e políticos são evitados, eternizando o sentimento de conformismo e indiferença às questões da sociedade, como afirma a autora Bell Hooks quando diz que “Nos ensinaram a crer que a dominação é “natural”, que os fortes e

poderosos têm o direito de governar os fracos e impotentes.” (HOOKS, 2017 p.43). O ambiente escolar se esquece de seu dever revolucionário de formação de cidadãos para a mudança social através do incentivo ao debate e celebração das diferenças de seus estudantes, e acaba se reduzindo a apenas uma etapa da vida que todos somos obrigados a passar.

A educação tem um poder transformador formidável. No entanto, muitas vezes, ela acaba reproduzindo os problemas da sociedade ao invés de promover a reflexão deles e mais ainda, falha na missão de formar cidadãos comprometidos em buscar as soluções para tais problemas.

A luta contra a desinformação e a disseminação de “fake news” precisa ser contínua e meta de todos em uma sociedade democrática. Além disso, a escola, como importante instituição de formação de cidadãos que é, não deve se abster dessa missão. A questão do acesso à informação e disseminação de “fake news” precisa ser trabalhada dentro da sala de aula, assim "o aluno, ao longo dos estudos, terá autonomia para realizar análises críticas sobre conteúdos, informações ou notícias que consumir.” (FRANCESCO, 2020. p.6). Uma estratégia de abordagem é trazer para a sala de aula as notícias que os alunos acessam e analisar as motivações político-sociais que permitem que esse tipo de notícia se espalhe.

O medo do diferente

O item IV do Art 3º da Constituição da República de 1988 consta, como um de seus princípios fundamentais, a necessidade de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” e isso deve ser o objetivo de todos em uma sociedade justa e democrática.

O medo do que é diferente ou daquilo que não se compreende não é algo recente na história da humanidade. Em diversos períodos e também variadas regiões do globo, têm-se relatos de mitos e maldições envolvendo o diferente e inúmeras guerras motivadas pelo medo e não aceitação do outro.

O professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior afirma que “A recusa e a aversão ao corpo do outro nasce, muitas vezes, do não reconhecimento da sua humanidade.” (MUNIZ DE ALBUQUERQUE, 2016, p.16), e isso leva muitas vezes a ideias de superioridade racial e cultural. Podemos citar dois exemplos de discriminação, uma extrema e outra mais sutil, quase velada. O primeiro talvez seja o maior exemplo da discriminação e xenofobia levados ao extremo que foi a perseguição de certos grupos da sociedade pelo governo nazista de Hitler

durante a Segunda Guerra Mundial, entre eles judeus, negros, homossexuais, ciganos e estrangeiros, perseguição e aniquilação que buscava a pureza racial, pregada por Hitler. Essa discriminação extrema que a ideologia nazista foi responsável se apoia na convicção de inferioridade ou não humanidade dos grupos citados.

No entanto, o professor Durval Muniz (2016) também chama atenção para um outro tipo de discriminação, a cultural, que se manifesta “através dessas fantasias de pureza cultural, de discursos e práticas culturais que condenam a utilização ou a mistura de elementos culturais vindos do exterior.” que podemos exemplificar com os grupos de extrema direita dos Estados Unidos, onde muitos são supremacistas brancos que reclamam da grande presença de estrangeiros (o discurso xenófobo destes grupos é quase sempre voltado para a presença de mexicanos no país) que estariam “roubando seus empregos” ou representariam uma ameaça à sua cultura, ao *american way of life*, como afirmam Cícero Roberto Pereira e Jorge Vala:

...muitos argumentos percebidos como “livres de preconceito”, frequentemente invocados para justificar a discriminação, podem, mesmo assim, carregar preconceito e serem estrategicamente usados para legitimar as desigualdades sociais e contribuir para a manutenção do status quo.” (Pereira, Vala. 2010. p.4)

Como vivemos numa sociedade em que questões como racismo e machismo são estruturais, pode ser difícil reconhecer atitudes discriminatórias nos meios sociais (família, escola, trabalho) e por aprender em casa, muitas crianças levam esse comportamento para o ambiente escolar. Assim, a escola não pode se abster de trabalhar estes assuntos e como nos afirma a grande filósofa brasileira Djamila Ribeiro: “Reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo.” (RIBEIRO, 2019, p.21), não apenas o racismo, mas qualquer forma de preconceito e discriminação.

O papel da educação

O dicionário Aurélio define educação como “ação ou efeito de educar, de aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém”. No entanto, muitas vezes olhamos para a escola simplesmente como uma parada obrigatória na vida, principalmente os alunos, que são os protagonistas desse ambiente.

Por muito tempo no Brasil, seguiu-se a premissa de uma educação mnemônica e alheia às questões do mundo, foi na década de 1970 com Paulo Freire e sua Pedagogia Crítica que as

fundações do que era Educação começaram a mudar com o intuito de formar cidadãos críticos e seres políticos. Nas palavras de Paulo Freire:

Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a ‘prática da liberdade’, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo. (Freire, 1973, p. 15.)

Com isso, reconhecemos que o papel da escola na educação de indivíduos vai muito além do que apenas ensinar conteúdos, o ambiente escolar precisa refletir os problemas atuais da sociedade e incentivar o pensamento crítico em seus alunos para alimentar o desejo de mudar o mundo sendo a mudança.

A escola, mais do que uma instituição de ensino, é um lugar de formação de cidadãos.

Contudo, ela infelizmente tende a reproduzir o retrato da sociedade e ela,

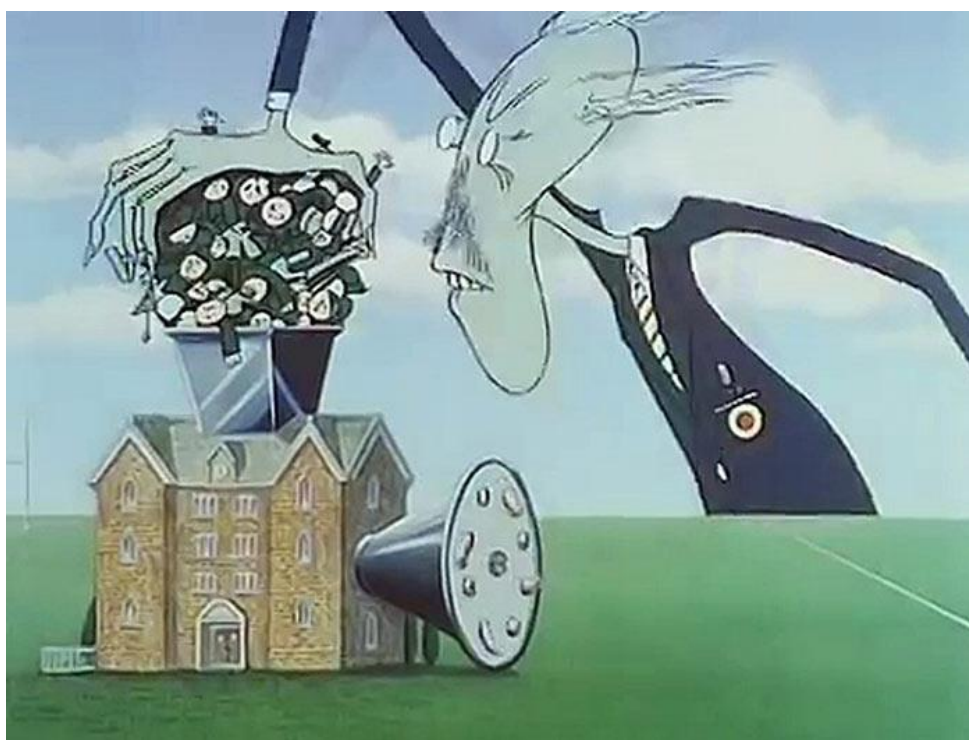
"Em geral, lida mal com as diferenças e tende a silenciá-las e neutralizá-las. Preconceitos e diferentes formas de discriminação estão presentes no cotidiano escolar e precisam ser problematizados, desvelados, desnaturalizados; caso contrário, a escola estará a serviço da reprodução de padrões de conduta reforçadores de discriminação em curso na sociedade." (Sacavino, Lucinda, Andrade, Guersola. 2012. p. 73)

Isto é, existe uma dificuldade por parte da instituição em reconhecer que os já citados problemas sociais também ocorrem no espaço escolar e precisam receber a devida atenção, tanto da parte docente, administrativa como do próprio currículo escolar. A autora Eliane Cavalleiro nos explica que “ao se achar igualitária, livre de preconceito e da discriminação, a escola tem perpetuado desigualdades de tratamento minando efetivas oportunidades igualitárias a todas as crianças.” (p.99).

A omissão do professor e da escola diante de assuntos como discriminação, racismo e o machismo, já tão enraizados na sociedade, faz do docente e da instituição, cúmplices na perpetuação de discursos e atitudes discriminatórias, como afirma a professora Eliane Cavalleiro: “O silêncio do professor, no que se refere à diversidade étnica e às suas diferenças, facilita o desenvolvimento do preconceito e a ocorrência de discriminação no espaço escolar.” (Do silêncio do lar ao silêncio escolar, 2000, p.13)

Uma escola que não reconhece e não celebra a diversidade de suas crianças falha em sua missão revolucionária. Na canção *Another brick in the wall, Pt. 2* de 1979 da banda britânica Pink Floyd é possível observar uma crítica a educação conservadora e limitante, evidenciada principalmente no refrão que diz: “*All in all, you're just another brick in the wall*” (“Em suma, você é só mais um tijolo na parede”). A imagem abaixo é uma cena do clipe da música onde mostra o professor (muito maior que os alunos simbolizando uma certa autoridade tirânica, e também com uma aparência assustadora que configura o medo dos alunos, é interessante pensar quantas vezes confundimos respeito com medo) colocando as crianças em um moedor de carne - a escola. Nessa simbologia, a escola funciona como matadouro da individualidade e diversidade de seus alunos.

Cena do clipe *Another brick in the wall part II*.



Clipe *Another brick in the wall part II*.

Dentro do cenário sócio-político atual do Brasil, onde vivemos sob as garras de um governo de extrema-direita desde 2018, que desde o início não demonstrou qualquer preocupação com a educação brasileira, com exceção da infundada crença na doutrinação marxista nas escolas, observamos o país inteiro regredir. Cortes na educação, censura de professores e projetos que buscavam impedir o ensino de algumas áreas das Humanidades estão entre algumas das ações do atual governo, como é possível observar nas manchetes abaixo:

Professores intimados vão à PF depor sobre denúncia de supostos atos antifascistas na Uece

Escrito por Redação, seguranca@svm.com.br 18:02 / 14 de Junho de 2021. Atualizado às 18:16 / 14 de Junho de 2021

Manchete do jornal Diário do Nordeste. Acesso em 20 de jun. 2021.

G1

EDUCAÇÃO

MEC prevê corte de R\$ 4,2 bilhões no orçamento para 2021

Previsão para o ano que vem reduz em 18,2% as despesas não obrigatórias, informou o Ministério da Educação.

Por Elida Oliveira, G1

10/08/2020 19h31 - Atualizado há 10 meses



Manchete do jornal G1. Acesso em: 20 de jun. 2021.

A partir das notícias citadas podemos observar que, com a ascensão de governos extremistas, a educação é um dos primeiros setores a serem atacados e silenciados. Isso mostra que a luta coletiva pelo direito à educação livre é sempre contínua. Com isso, podemos observar que a educação e a política andam lado a lado e que uma possui uma grande influência sobre a outra. Acompanhar de perto as propostas dos candidatos para educação e cobrá-los eficiência pode minimizar o risco de ações como essas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das atuais questões que afligem a sociedade e dos problemas aqui apresentados é possível perceber a relevância desta pesquisa como forma de conscientização do trabalho docente e da responsabilidade conjunta entre professor e escola, além da sociedade como um todo, na batalha contra qualquer forma de preconceito e discriminação.

A interligação entre família-escola-sociedade é essencial no desenvolvimento de uma realidade mais democrática e igualitária, e é indispensável que esta ligação seja constantemente reforçada. A educação para a aceitação e tolerância deve começar logo na primeira infância e a escola não pode alienar-se de seu dever na formação de jovens cidadãos comprometidos com um mundo mais justo.

No atual contexto brasileiro, uma educação humanizada é fundamental e urgente. Darcy Ribeiro, importante antropólogo e historiador brasileiro, nos afirma que “a crise da educação no Brasil não é uma crise, é um projeto” (1986). Assim, é necessário que as instituições governamentais, educacionais e sociais se comprometam a mudar essa realidade como exercício da democracia e caminho para a formação de uma sociedade cada vez mais livre de injustiças e preconceitos.

A mudança começa na adaptação do currículo à realidade brasileira, elaborando-o de forma que a inclusão e representativa seja uma parte importante. Outro passo essencial é a eliminação de discursos fatalistas que muitas vezes são reproduzidos pelo corpo docente, pois se o professor não acredita na educação, quem irá acreditar? A esperança na transformação social motivada por uma educação justa e de qualidade deve ser constantemente incentivada.

O convite à reflexão se direciona primeiramente aos profissionais da educação em relação ao tipo de mundo que se pretende criar e então, estender o hábito da reflexão à seus alunos, posto que estes serão os responsáveis pela criação de tal mundo.

REFERÊNCIAS

BORGES, Edson; D’ADESKY, Jacques; MEDEIROS, Carlos Alberto. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo, 2009.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. São Paulo: Estudos Avançados, 1994.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Preconceito, discriminação e sociabilidades na escola. Paraná: Educere et educare, 2015.

FRANCESCO, Naiara Nascimento; LEONE, Simone Delago. Educação midiática contra “fake news”. Mogi das Cruzes: Revista Científica UMC, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MILESI, Rosita; COURRY, Paula; ROVERY, Julia. Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. Rio Grande do Sul: Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS, 2018.

MUNIZ DE ALBUQUERQUE, Durval. Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

MUNTASER, Lara Denise. O poder da comunicação durante o regime militar brasileiro: uma análise crítica. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

PEREIRA, Cícero Roberto; VALA Jorge. Do preconceito à discriminação justificada. In-mind, 2010.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SACAVINO, Susana Beatriz; LUCINDA, Maria da Consolação; ANDRADE, Marcelo; GUERSOLA, Marilena. Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

STRATIGAKOS, D. Como a máquina de propaganda nazista criou uma imagem caseira de Hitler e enganou o mundo. BBC, 13 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54090740>> Acesso em: 10 jan. 2020

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em : <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.03.2021/art_3_.asp#:~:text=IV%20%2D%20promover%20o%20bem%20de,quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o.>

RAMALHO, S. *Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima*. The Intercept, 28 nov. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>> Acesso em: 14 jan. 2021.

MENDONÇA, H. O “monstro da xenofobia” ronda a porta de entrada de venezuelanos no Brasil. El País. Roraima. 27 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/17/politica/1534459908_846691.html> Acesso em: 21 jan. 2021.

Campanha anti-venezuelanos em RR mostra que a xenofobia chegou de vez à direita brasileira. Folha de S.Paulo. São Paulo. 20 out. 2020. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2020/10/20/campanha-anti-venezuelanos-em-rr-mostra-que-xenofobia-chegou-de-vez-a-direita-brasileira/>> Acesso em: 15 de abr. 2021.

Professores intimados vão à PF depor sobre denúncia de supostos atos antifascistas na Uece. Diário do Nordeste. 14 jun. 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/professores-intimados-vao-a-pf-depor-sobre-denuncia-de-supostos-atos-antifascistas-na-uece-1.3097583/>> Acesso em 20 de jun. 2021.

MEC prevê corte de R\$ 4,2 bilhões no orçamento para 2021. G1. 18 ago. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/08/10/orcamento-do-mec-preve-corte-de-r-42-bilhoes-para-2021.ghtml>> Acesso em: 20 de jun. 2021.

VEJA, 19 nov. 1969. 1 ilustração. Disponível em: <http://mestresdahistoria.blogspot.com/2012/09/saiba-mais-sobre-ditadura-militar.html> Acesso em: 14 jan. 2021.

Disponível em: https://pinkfloydhyperbase.dk/film/another_brick_in_the_wall.php

PINK FLOYD, Another brick on the wall, Pt. 2. 1979. 1 vídeo (3 min e 18 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HrxX9TBJ2zY>. Acesso em: 2 jul. 2021.